

2 JUL 1983 Candidatos CORREIO BRAZILIENSE discutem o Brasil real

Maria do Rosário Caetano

Lesbianismo, o triângulo rosa, educação sexual na escola, aborto, direitos da mulher negra e camponesa, prostituição, creches e preço do arroz — ou seja, problemas e discussões menos empíricas do que as discutidas no debate da TV Bandeirantes — foram alguns dos temas da discussão promovida pela Rede Manchete na última quinta-feira, de 22h45 às 2h05 da madrugada.

O debate, que ao ar sob o rótulo de "discussão feminista", por ter sido organizado pelo Conselho de Defesa dos Direitos da Mulher, acabou não tendo a repercussão merecida. O horário tardio e o fato de ser realizado apenas três dias após o primeiro debate causou até protestos do candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva: "Nenhum trabalhador pode acompanhar debate a esta hora da madrugada". Quando terminou, às 2h05, todos — candidatos, entrevistadores e espectadores renitentes — estavam exaustos.

A imprensa, que fez verdadeiro carnaval em cima do debate da Bandeirantes, foi-econômica no tratamento do debate

do Conselho da Mulher em parceria com a Rede Manchete. Nem se entusiasmou muito com a recuada de Ulysses Guimarães, que pressionado pelas bases feministas do Partido e por Waldir Pires foi ao debate. Foi e brilhou. Sua resposta sobre a prostituição foi impressionante. Reconheceu a gravidade do problema, relacionou-o com a miséria econômica e social, falou de pais que vendem filhas, jogando-as na "mais velha profissão do mundo". O velho cacique do PMDB demonstrou não ter razão nenhuma para correr de debates. Décadas de política lhe ensinaram muito. No verbo, é imbatível.

Cotidianidade — Os ouvidos mais ortodoxos entendem que o debate do Conselho da Mulher com os presidenciais abordou temas secundários. Temas que não devem, por sua natureza, bater na mesa de um presidente. Questões como homossexualismo, prostituição, direitos da mulher, creche etc, são "de segunda relevância". Importante é discutir a política econômica, a dívida interna e externa, a inflação etc. Verdade parcial. É claro que um presidente não poderá se ocupar, individualmente, da busca de solução para um problema de discriminação da mulher, por ser mulher, negra ou homossexual. O conhecimento de suas idéias sobre o assunto é, porém, essencial. Se o presidente for racista e machista, quem garante que se incomodará com tais problemas? Neste sentido, as feministas registraram em fita magnética os compromissos dos presidenciais. Até Aureliano Chaves surpreendeu ao responder a uma pergunta de mulheres lésbicas. Deu relevo ao assunto reconhecendo "tratar-se de um *problema* de nosso tempo" e defendeu a abordagem do tema da homossexualidade nas escolas de segundo grau, desde que "haja professores qualificados".

Brilho — Ulysses, Lula, Covas, Freire e Brizola brilharam no debate. Brilharam por conhecerem o assunto. As bases

feministas de seus partidos não dormem no ponto. Aureliano Chaves, que continua desatento às regras acertadas e sem saber como usar todo o tempo de que dispõe, saiu-se bem melhor desta vez. Maluf e Afif deram respostas genéricas que não conseguiram esconder pouca familiaridade com as questões feministas. Afonso Camargo continuou com seu ar de quem está perdido (o mesmo do primeiro debate). Caiado era o mais desinformado de todos. Em seus 39 anos de vida, nunca deve ter-se ocupado de questões feministas. Nem dos direitos da mulher camponesa — afinal ele se diz o homem do interior — sabia falar. Fugia de todos os assuntos. Jacqueline Pitanguy usou do direito de réplica para exigir que ele se ativesse ao assunto. Foi em vão. Caiado entrou pelos caminhos da medicina privada e da pública. Disse que a "primeira é barata e de excelente qualidade" e a segunda "cara e de má qualidade". Roberto Freire subiu nas tamancas: "Além de defensor do latifúndio, o senhor se apresenta agora como defensor da medicina privada que só atende a ricos, parcela ínfima da população brasileira. O senhor estudou na França e não aprendeu que lá a Medicina é um dever do Estado".

Ulysses brilhou pela experiência e pelo raro poder de jogar com as palavras. A coloquialidade de seu discurso é impressionante. Lula teve melhor desempenho que no primeiro debate (trocou a roupa esporte por um terno discreto) graças ao empenho das bases feministas do PT. Teve o orgulho de lembrar que seu partido dispõe de duas mulheres no executivo de São Paulo, a maior cidade da América do Sul, e de Santos, o maior porto do País. Mostrou-se informado sobre as aspirações das vanguardas feministas e na pergunta relacionada com o aborto — dirigida a todos os candidatos — lembrou "o direito da mulher sobre o próprio corpo". Nem parecia o Lula que anos atrás, em longa entrevista à revista *Playboy*

deixou no ar grande ranço machista dizendo gosta que Marisa, sua mulher, lhe calçasse os chinelos quando chegava da fábrica.

Mário Covas estava inspirado. Sem ninguém lhe perguntar, contou que sabia da origem do nome do Grupo Homossexual Triângulo Rosa: "Durante o período nazista, os homossexuais eram identificados nos campos de concentração com um triângulo rosa". Roberto Freire completou: "Os comunistas também eram identificados com um triângulo, assim como os judeus e os ciganos".

Roberto Freire não esteve brilhante como no primeiro dia, mas mesmo assim se saiu bem. Caiu na armadilha de seu raciocínio rápido, que, se por um lado o faz brilhante, por outro o faz engolir as palavras. Na quinta-feira ao pregar a *descriminalização* do aborto, acabou anunciando a *discriminação* do aborto.

Brizola, apesar de insistir em longos preâmbulos para suas respostas, mostrou-se senhor do assunto e foi quem mais ousou: prometeu 50 por cento de seu ministério às mulheres, negros e sindicalistas.